

A CRISE DA UCRÂNIA

Beatriz Cristine Souza DIAS¹; Eduardo Lucas de Vasconcelos CRUZ²

¹ Centro Universitário Lusíada – Curso de Relações Internacionais beatriz_csd@hotmail.com;

² Centro Universitário Lusíada – eduardocruz_28@yahoo.com.br

Introdução

A crise da Ucrânia, embora tenha eclodido em 2014 e culminado com a secessão da Criméia, tem origens mais remotas do que se supõe. Tanto a Ucrânia como a Rússia, tais como hoje as conhecemos, surgiram a partir da dissolução da antiga URSS (1991). Durante a vigência do regime soviético (1917-1991), a Rússia desfrutava de proeminência sobre as demais repúblicas da federação, contra cujas populações conduziu uma série de ações repressivas. No caso específico da Ucrânia, o divisor de águas história do país foi o episódio conhecido como Holodomor — também descrito como Grande Fome da Ucrânia —, que causou 7 milhões de mortes em decorrência do bloqueio de alimentos determinado pelo ditador Josef Stálin.

O objetivo deste projeto é analisar a Rússia de Vladimir Putin, como uma promotora do nacionalismo étnico sob o disfarce de restauração da dignidade russa, que busca um expansionismo à moda antiga formulado como uma defesa contra "ameaças externas".

Contexto e fundamentos

Após a dissolução da URSS, durante a recessão que atingiu a Rússia nos anos 90, setores da velha guarda formada por oficiais da KGB e generais do Exército puseram-se a formular uma teoria geopolítica destinada a restaurar o antigo status internacional do País. Nesse contexto emerge a figura do Prof. Aleksandr Dugin, autor de “A guerra dos continentes” (1991) e “Fundamentos da geopolítica” (1996), este último escrito em parceria com o general Nikolai Klokotov, Diretor da Academia Militar do Estado-Maior das Forças Armadas, sob supervisão do general Leonid Ivashov, Diretor de Assuntos Internacionais do Ministério da Defesa.

A ascensão de Vladimir Putin, um agente da KGB, à Presidência da Rússia (2000) viabilizou a transformação das propostas de Dugin (quadro ao lado) em diretrizes de política externa.

Distintamente da antiga proposta socialista brandida pela finada URSS durante a Guerra Fria, o nacional-bolchevismo concebido por Eduard Limonov e desposado por Dugin mostra-se bastante eclético na sua composição ideológica, o que por vezes confunde os observadores, na medida em reúne elementos díspares que têm apenas em comum apenas a hostilidade ao Ocidente: comunistas, a Igreja Ortodoxa, a extrema-direita europeia antiamericana, remanescentes nazistas e radicais islâmicos. A “novidade” introduzida por Dugin consistiu em transformar o nacional-bolchevismo num plano geopolítico e estratégico, cujos objetivos contemplam a anexação dos territórios habitados por minorias russas nos países vizinhos e o uso do gás fornecido à Europa como instrumento de chantagem econômica, a fim de “finlandizar” o continente. Nesse contexto, a incorporação da Criméia ao território russo e a guerra de secessão em curso no leste da Ucrânia – região cuja composição demográfica é predominantemente russa – constituem apenas as mais recentes etapas de um plano expansionista traçado pelo Kremlin.

Referências Bibliográficas:

DINIS, Paulo Cunha. Geórgia e a Ucrânia unidas pelo passado soviético e o secessionismo interno. Portugal: Observatório Político, 2014.

Discurso do Presidente Vladimir Putin. Kremlin, Moscou. G1 Globo, 2014.
ALVES, André Gustavo de Miranda Pileni. O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI. Brasília: Ipea, 2012.

TRENIN, Dmitri. The Ukraine crisis and the resumption of great-power rivalry. Carnegie Moscow Center, 2014

Imagem 1: Foto de Aleksandr Dugin



- Ex-militante do movimento Pamyat
- Filho de um oficial da KGB
- Autor dos livros **A guerra dos continentes** (1991) e **Fundamentos da Geopolítica** (1996)
- Conselheiro geopolítico do Presidente Putin
- Fundador do Partido Nacional-Bolchevique (1992) e do Partido Eurasiano (2002)
- Diretor do Centro de Análise Geopolítica da Câmara de Deputados
- Diretor de Relações Internacionais da Universidade Estatal de Moscou

PROPOSIÇÕES CONTIDAS NAS OBRAS DE DUGIN:

- A História é dominada pelo conflito geopolítico entre potências navais e potências terrestres: “eternas Romas” e “eternas Carthagos”
- Potências terrestres: assentam sua civilização sobre os princípios da religiosidade, do idealismo e da obediência ao Estado
- Potências navais: são construídas sobre o materialismo, o liberalismo e o ateísmo
- Por sua formação histórica e posição geográfica, a Rússia é o único país em condições de construir o Império Eurasiano e enfrentar o “Atlantismo”, cuja espinha dorsal é o Eixo EUA-Inglaterra
- Para tanto, a Rússia deve usar seu gás e seu petróleo para pressionar a Europa e sugá-la para a sua órbita

Imagem 2: Mapa da Ucrânia



Fonte: consejomexicano.org., 2014.

Promoção

Centro Universitário Lusíada – UNILUS
Programa de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do UNILUS - PPGPE
Comitê Institucional de Iniciação Científica do UNILUS - COIC
Núcleo Acadêmico de Estudos e Pesquisas em Educação e Tecnologia do UNILUS - NAPET